

FORTES, Carolina. Catarina de Alexandria: um exemplo de masculinização da santidade feminina em Tiago de Vorágine. In: *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 2 a 4 de julho de 2005. Salvador: Quarteto, 2005.

CATARINA DE ALEXANDRIA: UM EXEMPLO DE MASCULINIZAÇÃO DA SANTIDADE FEMININA EM TIAGO DE VORÁGINE

Carolina Coelho Fortes – PEM/UFRJ

Essa comunicação, de certa forma, faz parte da dissertação de mestrado concluída no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Ali nos preocupamos em analisar na *Legenda Aurea* (as referências a essa obra, no texto, dar-se-ão pela sigla LA), mais especificamente nas vidas de Maria e Madalena, os atributos masculinos incorporados por essas santas. Contudo, a masculinização da santidade feminina vai muito além dos dois exemplos abordados na dissertação. Por isso, aprofundando nosso questionamento, deter-nos-emos sobre a vida de Catarina de Alexandria segundo Tiago de Vorágine, para daí depreender seus traços masculinos e buscar uma explicação possível para estes.

Antes de prosseguirmos com a análise da fonte, porém, é necessário que saibamos um pouco sobre ela e seu compilador. A *Legenda Aurea*, coletânea de hagiografias escrita na década de 60 do século XIII, foi uma das obras de maior circulação desde de seu surgimento. Prova disso são os mais de mil manuscritos que podem ser encontrados ainda hoje espalhados pelas bibliotecas do mundo (FLEITH, 1986, p. 20). A difusão de obras como a *Legenda Aurea* é a tal ponto capilar, que até hoje, depois de séculos de perdas e destruições, é difícil encontrar no mapa um ponto da Europa ocidental que diste mais de 50 km de uma localidade onde seja conservado pelo menos um manuscrito do legendário de Tiago de Vorágine (MAGGIONI, 1995, p. 312). Este dominicano, que chegou a bispo de Gênova e foi provincial da Ordem por mais de uma década, dava a seus escritos – grande parte deles devotados a servirem como material para sermões – um caráter coerente à missão de sua Ordem. Na *Legenda* a masculinização das santas serve, em parte, para destacar a prerrogativa dominicana da pregação, como veremos.

Catarina de Alexandria, cuja vida se enquadra perfeitamente no modelo da virgem mártir – perfil de santidade privilegiado na *Legenda Aurea* –, foi uma santa especial para os dominicanos (JANSEN, 2000, p. 76). Aqui, na compilação de Tiago, Catarina recebe um espaço relativamente grande (dez páginas, enquanto a maioria das

virgens santas recebiam entre uma e sete páginas). Ela, assim como Madalena, encarnava perfeitamente a missão dos dominicanos: a pregação e o estudo. Catarina é uma pregadora intelectual, como veremos, cuja vida revela similaridades com a concepção de missão da ordem de Domingos.

Já no pequeno estudo etimológico que introduz a maioria das vidas nessa coletânea, Tiago estabelece quais são suas maiores virtudes: a humildade, a virgindade e o menosprezo pelas coisas temporais. Inicia, então, a vida esclarecendo logo que

Catarina, filha do rei Costo , e entregue, desde sua infância, ao estudo das artes liberais, adquiriu muito estensos e profundos conhecimentos na matéria dessas disciplinas. (LA, p. 766)

Notemos que, enquanto na maior parte das outras vidas de mártires, logo após a definição do status social se segue a grande beleza da santa, na vida de Catarina o elemento em destaque é seu estudo. O estudo, o aprofundamento nas artes liberais, não era de forma alguma encorajado às mulheres, sendo assim uma prerrogativa inteiramente masculina. E, além de masculina, característica que distinguia a Ordem dos Pregadores das demais.

Lemos adiante que Catarina

Com seus dezoito anos de idade (...) recolhida ao imenso palácio em que vivia como única dona e senhora do mesmo, rodeada de criados e de riquezas (...). (LA, p. 766)

Ou seja, ainda jovem Catarina é a dona de seu castelo, o qual governa sozinha. Mais uma de suas características masculinas, pois na juventude, quando as mulheres são mais desregradas que o normal, Catarina se encarrega do governo de sua casa, cercada de luxos que poderiam levá-la ao pecado.

Certo dia, ao ver a cidade muito tumultuada, soube que o imperador havia ordenado que todos os seus súditos, fossem eles pagãos ou cristãos, sacrificassem aos deuses. Indignada com o imperador, Catarina se dirige a ele espontaneamente:

Mais te valeria, imperador, que honrasse o cargo que ostentas e atendesse aos preceitos da razão, em vez de promover cultos às falsas divindades, acreditando no Criador dos céus. (LA, p. 766)

Aqui já vemos o primeiro gesto de coragem da virgem, um gesto que também pode ser definido como ativo, pois parte de Catarina a iniciativa de se apresentar ao César e falar-lhe em pé de igualdade. Ela mantém com o imperador

um prolongado debate e, por meio de inumeráveis silogismos perfeitamente dialéticos, recorrendo a alegorias e metáforas, aduzindo argumentos umas vezes rigorosamente realistas e outras místicos, demonstrou a verdade de uma série de proposições. (LA, p. 766)

A inteligência de Catarina é ímpar. Tal inteligência não poderia ser esperada de uma mulher, sendo própria, assim como o estudo que a educou, do universo masculino. Além disso, ao desfiar seus conhecimentos, prega, pois expunha conhecimentos filosóficos sobre a doutrina cristã. E a pregação é o maior objetivo dos dominicanos, e somente permitida a homens, desde o início do cristianismo, como podemos ver na sentença paulina: “Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio”. (I Timóteo 2, 12)

Na pregação de Catarina contra o paganismo percebemos o que pode ser uma crítica direta à Igreja instituída:

Já que tanto te pasmas ao contemplar este suntuoso templo edificado por mãos humanas, e ao admirar a preciosidade destas riquezas com que está decorado, pese a que toda esta magnificência e luxo não passa de pó que a qualquer instante pode ser varrido pelo vento (...). (LA, p. 766.)

Colocadas na boca de uma mulher pregadora e dirigidas a uma autoridade pagã, essas palavras poderiam muito bem representar uma crítica não tão velada assim à riqueza da Igreja, riqueza contestada e repudiada pelos dominicanos, conforme seu ideal de *vita vera apostolica*. Tal crítica fortalece ainda mais a identificação de Catarina com o masculino pois, além de pregar e estudar, Catarina estaria sendo porta-voz de um crítica aos poderes instituídos, da mesma forma que a adoção de Madalena como símbolo dos mendicantes dava-se por oposição ao símbolo da Igreja institucionalizada: Pedro (JANSEN, 2000, p. 85).

Por bastante tempo o imperador escutou aquela jovem “eloqüente e sábia” e, de tão “atônito, não pode responder de imediato aos perfeitos argumentos sobre a doutrina cristã exposta por Catarina” (LA, p. 767). Então, “profundamente impressionado pela prudência e formosura corporal da jovem” (LA, p. 767) pediu que continuassem a discussão após os sacrifícios aos deuses, mandando que ela fosse levada ao palácio imperial. Aqui sua beleza pode ser entendida como um reflexo de sua perfeição cristã virginal, e o prefeito não consegue reconhecer isso. A beleza que

os pagãos valorizam e que propicia a reação destes ao que Catarina diz toma um sentido novo e invertido nos ensinamentos da santa: tendo a usado para atrair sua atenção, ela transforma aquela atração em uma lição sobre seus erros. Longe de invalidar sua pregação e levar outros a perdição, como a tradição ascética e os oponentes da pregação feminina sugeririam, a beleza física de Catarina suporta e até possibilita sua mensagem de salvação. Sua beleza não é meramente terrena, vazia de significados, mas, ao contrário, serve como um elemento externo de sua beleza e valor interior e espiritual. Em várias lendas de virgens mártires, a beleza da heroína é mencionada somente para ser imediatamente ligada à sua fé e virgindade. Para uma audiência cristã, a virgindade – e o posterior martírio – poderia neutralizar os perigos implícitos na figura de uma mulher jovem e bonita demonstrando que seu interior era consistente com seu exterior. Sendo a duplicidade – ou, melhor ainda, a distância entre superfície e substância – uma das maiores ansiedades levantadas pela pregação, fazia sentido que uma mulher cuja superfície transparentemente expressava sua substância poderia ser valiosa na exploração do conceito da pregação ideal.

Percebendo o imperador que não poderia vencer Catarina no campo da argumentação, mandou chamar a Alexandria os maiores sábios do reino para que disputassem com a virgem. Compareceram cinquenta oradores célebres, conhecedores de todos os ramos do conhecimento, que muito se zangaram ao entender o motivo da reunião: “apenas uma jovencinha atrevida e néscia” (LA, p. 768). Catarina, ao saber da celebração do certame, reza encomendando-se ao Senhor. Então, aparece um anjo que lhe diz para não se preocupar e “defender suas convicções com constância, serenidade e firmeza” (LA, p. 768). Desta forma notamos que o anjo também a vê como masculina, já que a aconselha a se defender, ato masculino por definição. Além disso, ela deve ser constante e firme, mais duas características masculinas. Reconhecendo sua masculinização, diz-lhe que se prepare para receber a palma da vitória, o martírio. O prêmio pela purificação através da masculinização, da ascensão na escala da santidade depois que os atributos femininos, que puxam a mulher para a inferioridade da carne, forem substituídos pelos valorosos atributos masculinos.

A santa dirige-se ao imperador para admoestá-lo mais uma vez,

Crês que é justo isto que fazes, de enfrentar-me a mim, uma moça só, nada menos do que com cinquenta oradores? Onde está o seu sentido de equidade? (LA, p. 768)

Catarina discute, reclama, debate com o imperador – duplamente representante da autoridade, pois é homem e chefe secular – colocando-se no mesmo nível. Não lhe sobrevém o medo, nem aquele pudor “natural” às mulheres, como eram entendidas na Idade Média. Mas ela acaba afirmando decididamente que

apesar da desigualdade de forças, competirei, triunfarei e receberei como prêmio meu Senhor Jesus Cristo, recompensa e coroa dos que combatem em defesa de sua causa”. (LA, p. 768)

Aqui podemos notar o uso da linguagem militar, demonstrando a progressiva masculinização da santa. Durante a disputa Catarina “refuta com tal sabedoria, rapidez, contundência e com argumentos tão claros” os oradores que estes também tiveram que silenciar em sua estupefação diante da inteligência da santa, já que nenhum deles sabia respondê-la nem contestá-la. Os sábios se voltam para o imperador e lhe instam a convencê-los de que os deuses que até então acreditavam eram superiores a Cristo.

Estamos tão profundamente impressionados com esta juvenzinha, por cuja boca fala o espírito de Deus, que não sabemos responder às perguntas que nos faz nem, sobrecarregados de reverência, somos capazes de replicar ao que diz em relação a Cristo. (LA, p. 769)

Pela boca de Catarina “fala o espírito de Deus”. Não é possível uma definição mais clara de que Catarina é reconhecidamente pregadora.

O imperador se enfurece e manda os sábios para a fogueira, sofrer o martírio. Ou seja, com sua pregação, Catarina consegue converter os cinquenta maiores filósofos de Alexandria. Antes que pudessem ser queimados, Catarina se aproxima deles e

os animou a que aceitassem com fortaleza de ânimo o martírio, instruindo-os, ao mesmo tempo, nas verdades fundamentais da religião cristã. (LA, p. 769)

Catarina converte e ensina, Tiago esquece as sentenças de Paulo, ou escuta Jerônimo acima do evangelista? A virgem candidata ao martírio “pode ser chamada homem”, pois não mais se entrega às atividades, quaisquer que fossem, desenvolvidas pelo sexo inferior, como o alegava Jerônimo. Contudo, a transformação nunca é completa, já que em seguida lemos: “Como os oradores se lamentaram de não poder receber o batismo antes de morrer” (LA, p. 769). Nem todas as funções masculinas são livres à virago, a mulher viril: os sacramentos só podem ser executados por homens, e não há qualquer exceção a esse caso na *Legenda Aurea*.

Os dotes verbais de Catarina são supostamente maravilhosos, porém seu perseguidor pagão se impressiona, principalmente, com sua anatomia. Depois da morte dos sábios, o imperador ofereceu a Catarina o lugar de primeira-dama, inferior somente à imperatriz. Disse que ergueria uma estátua da virgem no centro da cidade e faria com que ela fosse adorada como uma deusa. A tensão típica do martírio permanece: por mais douta que seja a santa, seus atrativos físicos continuam despertando a luxúria nos ímpios, ela continua sendo desejada pelo que realmente é – uma mulher, jovem e bela. E uma mulher jovem e bela é, por outro lado, a própria encarnação do que é vicioso e baixo no feminino e, por extensão, na natureza humana, segundo os conceitos veiculados por grande parte do discurso eclesiástico medieval.

Catarina, no entanto, vence sua feminilidade com gestos como o que segue: manda que seu perseguidor se cale, e pare de falar bobagens. Discute com ele, grita, manda! Não mostra qualquer resquício da fraqueza e confusão feminina. Fala com o imperador como sua igual. Rechaça suas ofertas fazendo-o ver que ela tem já um esposo: Cristo.

Inicia-se, então, mais um movimento na vida de Catarina: sua marcha para o martírio propriamente dito. O imperador ordena que a santa seja encarcerada, incomunicável e sem comida. Contudo, será alimentada por uma pomba branca que lhe traz manjares celestiais do paraíso. No calabouço um dia receberá a visita da imperatriz e de Porfírio, general do exército do imperador. “Expôs-lhes a doutrina cristã” (LA, p. 769) e converte-os, juntamente com todos os duzentos soldados da guarda do imperador. Mais pregação, sua atividade evangélica é intensa e frutífera.

O imperador manda que a tragam até ele, fica espantado com sua beleza ainda maior depois de ter passado tanto tempo sem ter sido alimentada, e novamente propõe-lhe que se una a ele. Aqui se ligam indistintamente a beleza física e a beleza espiritual de Catarina. Ela parecia ainda mais bela porque fora alimentada e visitada por Deus enquanto estava na prisão. Elevada espiritualmente, recompensada por abandonar seu ser feminino, torna-se mais bela fisicamente. E é isso o que o pagão enxerga, mandando que escolhesse entre a apostasia e a morte.

Chega o ápice da narrativa e da vida da santa, Catarina será martirizada. Percebamos que a maceração da carne da santa dá-se em seguida a percepção de sua beleza carnal. A carne está, aqui, ligada a carne, ao contrário do que vimos anteriormente, quando sua beleza estava ligada tão somente às suas virtudes espirituais. A beleza será destruída pelas torturas, a feminilidade será aniquilada. Como

resultado restará a morte da santa, agora purificada de ser uma criatura conspurcada por ser mulher.

O imperador recebe a notícia de que, em três dias, os instrumentos de tortura de Catarina estarão prontos. A descrição de sua construção e seus efeitos é minuciosamente descrita, e tais descrições são feitas na frente da virgem, que pede a Deus que assim que tal artefato esteja pronto, fosse quebrado pela graça divina. E é o que acontece: as rodas nas quais Catarina teria seu corpo macerado se partem em muitos pedaços, atingindo e matando quatro mil pagãos que assistiam seu martírio. A imperatriz, que tudo assistia, reprovou severamente a crueldade de seu marido. Este, louco de ira, mandou que ela sacrificasse aos deuses. Sua recusa foi suficiente para que o imperador ordenasse que arrancassem os seios da esposa e cortassem sua cabeça. A revolta da imperatriz contra seu marido e a coragem de enfrentá-lo e permanecer forte em sua escolha pelo cristianismo também mostram que esta mulher, em apenas um parágrafo, masculinizou-se a custo de entrar na fileira das mártires.

Porfírio, o general, dá jazigo ao corpo da imperatriz. O imperador, por não conseguir encontrá-lo, começa a matar os verdugos de sua mulher, a quem julgava responsáveis pelo desaparecimento. Quando Porfírio se intera do acontecido se apresenta voluntariamente diante dele, e é também morto, junto com todos os presentes, que se manifestam cristãos. Depois da matança, o imperador chama Catarina a sua presença e lhe oferece novamente, pela terceira vez, que reine ao lado dele: “ou adoras aos deuses, ou antes que anoiteça, morrerás” (LA, p. 771). A santa insiste para que ele leve a cabo suas ameaças. Ela morre decapitada. No relato, depois de sua morte, narra-se dois de seus milagres, que enfatizam unicamente sua beleza.

A quinta parte se concentra na extensa descrição das virtudes de Catarina.

Cinco coisas especialmente dignas de admiração caracterizaram esta santa: sua sabedoria, sua eloquência, sua fortaleza, sua puríssima castidade e os muitos privilégios com que Deus quis honrá-la. (LA, p. 772)

Vemos, nos quatro primeiros elementos, os maiores instrumentos de masculinização da santidade feminina. A sabedoria é uma característica própria somente de Madalena e Catarina, mas a eloquência, a força – que muitas vezes se traduz nos relatos de martírios como coragem – e a pureza corporal repetem-se em todas as vidas de mártires. Sendo a força – que também é entendida como constância, prudência e tantas outras virtudes demonstrativas da retidão de caráter – e a pureza presentes também em todas as vidas de santas da *Legenda Aurea*. A sabedoria é uma

característica masculina, assim como o é a eloquência. Tiago nos conta que a santa pregava com doçura e suavidade de palavras, como o fazia Maria Madalena. A pregação, função masculina, é feita de forma feminina, com suavidade e doçura. A “inquebrantável constância com que suportou e depreciou as reiteradas ameaças” mostra a força de Catarina, assim como “a energia com que rechaçou os elogios e recompensas que o César a ofereceu”, e “a integridade com que suportou os tormentos aos quais foi submetida”. Catarina é uma mulher forte, uma mulher viril, e isso é declarado abertamente pelo compilador. Para completar a masculinização da santa é necessário que se erradique de seu ser o feminino, e isso se dá através da mais absoluta virgindade e pureza. E Catarina foi pura mesmo em condições adversas, pois Tiago diz:

há cinco coisas que fazem sumamente difícil a perseverança na guarda da castidade: a abundância de riquezas (...); determinadas ocasiões aptas a arrastar as pessoas que nelas se encontram ao pecado da lascívia; a idade juvenil (...); a liberdade (...) e a beleza. (LA, p. 774)

Catarina, assim como a maioria das outras santas da *Legenda*, é bela. E em grande parte o relato de suas vidas se centra na beleza, que é destruída pela maceração do corpo através de torturas, de práticas ascéticas rigorosas ou do travestimento. São, quase todas, nobres, sendo ricas em conseqüência. Enfrentam sempre situações adversas que a convidam ao pecado, pois são chamadas insistentemente por seus antagonistas a abdicarem de sua fé e virgindade – que andam juntas sempre – para usufruírem de um mundo de delícias e prazeres. Muitas delas são jovens, e até crianças, como é o caso de Inês. Superam todos esses elementos que levam ao pecado, neutralizando seu próprio gênero a fim de se enquadrarem no perfil de santidade, que, como diz Thomas Laqueur (LAQUEUR, 2001, p. 19), parece ser o do sexo único, que se divide em dois gêneros, sendo o dominante e a medida para tudo o gênero masculino.

Percebemos que o modelo estabelecido por Madalena, a da mulher pregadora, mais do que o da pecadora arrependida é seguido por Catarina, e por todas as mártires da compilação de Tiago de Vorágine. Nas vidas de Catarina e Madalena a beleza feminina trabalha em prol da pregação. A legenda de Catarina de Alexandria, como a de muitas outras virgens mártires, faz com que a beleza das heroínas se torne o centro da história, ligando aquela beleza aos seus atributos definidores como virgem e mártir. (WATERS, 1997, p. 14) Assim, a legenda de Catarina apresenta um exemplo

da virgem mártir cujas fraquezas se tornam força, suas vulnerabilidades tornam-se fortificações para ela mesma e para sua fé. Incorporando e depois neutralizando os atributos que poderiam ameaçar sua mensagem – beleza sedutora, fragilidade feminina, habilidade retórica – ela oferece um ideal de pregação cristã, transparente para os fiéis e para Deus.

Beleza física e eloquência na pregação são freqüentes, e até condições fundamentais, nas vidas de santas da *Legenda Aurea*. Além de Catarina de Alexandria e Maria Madalena, a compilação apresenta várias outras santas retratadas como pregadoras: Lucia, a santa donzela de Antioquia, Cristina, Eufêmia, Marta, entre outras. Suas histórias ajudaram a neutralizar a sedução perigosa do superficial mostrando como beleza física e verbal poderiam se unir para, ao invés de ameaçar, servir ao bem maior da pregação.

Além de as virtudes necessárias a santificação serem claramente virtudes masculinas, para que pudessem ser santas, as mulheres eram retratadas como masculinizadas. Faz-se uso dessa função específica dos homens – a pregação – por um motivo muito concreto. Os dominicanos, como já vimos, são aqueles que pretendem levar a palavra de Cristo aos fiéis, os frades se lançam ao caminho evangélico para pregar e converter, educar na verdadeira doutrina. Por isso também mostram suas santas pregando. Pois, além de se tornarem homens, devem fazê-lo através, principalmente, daquilo que era o maior objetivo dominicano: a palavra do púlpito, a palavra que converte, a pregação. Talvez pudéssemos até pensar, seguindo uma lógica invertida, que essas mulheres tornavam-se homens para que pudessem pregar. No entanto, acreditamos que seus atributos se dão por uma conjunção de fatores. Tanto por conta do entendimento que uma determinada parte daquela sociedade tinha sobre as diferenças sexuais – isto é, a superioridade masculina e a inferioridade feminina –, quanto por conta da missão de pregação dos frades dominicanos.

Com Catarina pudemos desvelar o mundo das santas voraginianas. As santas têm sua feminilidade quase suplantada pelos atributos masculinos que recebem para que possam alcançar a perfeição. No entanto, a nenhuma delas é permitido esquecer de seu sexo, devem lembrar-se perenemente que são filhas de Eva. Parece que o compilador deixa um aviso para que sua santidade se torne ainda mais sublime: as mulheres não podem fugir completamente à sua natureza animal, baixa, mas para elas há um meio de purificação: o abandono de seu sexo e a busca pelo sexo superior.

BIBLIOGRAFIA:

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2001.

IACOPO DA VARAZZE. *Legenda Aurea su CD-Rom*. Testo latino dell'edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni. Firenze: SISMELE-Galuzzo, 1999.

SANTIAGO DE LA VORÁGINE. *La Leyenda Dorada*. 2 vols. Madrid: Alianza, 2000..

FLEITH, Barbara. Le Classement de Quelques 1000 manuscrits de la *Legenda Aurea* latine en vue de l'établissement d'une histoire de la tradition. In: DUNN-LARDEAU, Brenda (org.). *Legenda Aurea: Sept Siècles de Diffusion. Actes du Colloque international sur le Legenda Aurea: textes latin et branches vernaculaire*. Montreal-Paris: Bellarmin-Vrin, 1986.

HINNEBUSCH, W. *History of the Dominican Order*. 2 v. New York; s/ed, 1966-73..

JANSEN, Katherine Ludwig. *The Making of the Magdalen. Preaching and Popular Devotion in the Later Middle Ages*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2000.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MAGGIONI, Giovanni Paolo. *Ricerche sulla composizione e sulla trasmissione della Legenda Aurea*. Firenze: SISMELE, 1995.